

Acordo

Quércia reafirma sua preferência

pelos presidencialismo

Das Sucursais de Campinas
e Belo Horizonte

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, disse ontem em Mombuca (160 km a noroeste de São Paulo) que se o Congresso constituinte decidir-se pelo parlamentarismo, a população deverá ser consultada através de um plebiscito. "Temos tradição de presidencialismo. Na medida em que se vai mudar o regime de governo, o correto é que essa mudança seja seguida de uma consulta popular".

Quércia reafirmou sua preferência pelo presidencialismo e disse que já orientou a bancada do PMDB paulista na Câmara para votar nessa proposta. O governador afirmou ter enviado na noite de sexta-feira um telegrama ao deputado Ulysses Guimarães e ao deputado Roberto Rollemberg, coordenador da bancada paulista na Câmara Federal, comunicando sua posição. Por isso não pretende ir a Brasília acompanhar a votação. "O que eu pude influenciar já influenciei".

O governador classificou de "interpretações da imprensa" as notícias de que Ulysses passou a encerrar o parlamentarismo como a melhor proposta de conciliação. "Conversei com ele ontem à noite, por telefone, longamente, e o deputado Ulysses prefere o regime presidencialista", disse Quércia. "Se houver efetivamente 'buraco negro', acredito que é possível que se entre numa composição". Essa composição, segundo o governador, poderia ser "algo composto" entre presidencialismo e parlamentarismo.

Newton Cardoso

O governador de Minas, Newton Cardoso (PMDB), desistiu de ir a Brasília neste fim-de-semana. Newton passou o dia de ontem em sua fazenda Rio Rancho, no município de Conceição do Pará (138 km a oeste de Belo Horizonte). Amanhã pela manhã ele participa das solenidades de aniversário do Centro Tecnológico de Minas Gerais (Cetec).

'Governadores migram' para parlamentarismo

Do enviado especial a Brasília

A maioria dos governadores — que foram, com raras exceções, o principal suporte político do Palácio do Planalto na busca de um mandato de cinco anos, com presidencialismo — está migrando ou em direção ao parlamentarismo ou à neutralidade, o que acaba favorecendo, de qualquer forma, a mudança do sistema de governo.

O sintoma mais evidente dessa troca de posição foi dado na sexta-feira, em reunião no Hotel Saint Paul, centro de Brasília, da qual participaram 13 coordenadores de bancadas do PMDB, habitualmente sintonizados com os respectivos governadores.

Nessa reunião comprovou-se o que já vinha se percebendo de forma mais dispersa: a bancada do Ceará, governado por um amigo pessoal do presidente José Sarney, o empresário Tasso Jereissati, guinou maciçamente para o parlamentarismo. Ubiratan Aguiar, integrante da bancada, chega a dizer que todos os 14 deputados do PMDB cearense passaram-se para o parlamentarismo. Menos enfático, o senador Mauro Benevides, presidente do PMDB-CE, confirma uma migração em grande número e acrescenta que Tasso, mesmo mantendo a preferência pelo presidencialismo com cinco anos, liberou a bancada para a fórmula parlamentarista com cinco anos.

Outro dos mais firmes defensores das teses palacianas, o governador de Goiás, Henrique Santillo, pulou diretamente do presidencialismo com cinco anos para a articulação discreta de parlamentarismo com cinco anos. A ele soma-se, gostosamente, o governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, que sempre foi parlamentarista, mas ficava isolado no bloco dos governadores porque só Waldir Pires (BA) e Max Mauro (ES) eram parlamentaristas.

Agora, a situação pode se inverter totalmente, na medida em que apenas Orestes Quércia (SP) e Newton Cardoso (MG) mantêm firmemente a posição inicial, de presidencialismo com cinco anos. Ontem, o deputado José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG) viajou para Minas, para tentar localizar Newton e convencê-lo a mudar.

Dos demais governadores, não há, é verdade, manifestações expressas a respeito da aceitação de parlamentarismo e cinco anos, mas a posição dos coordenadores de bancada é no mínimo um sinal. Um sinal, de resto, carregado de surpresas. Até Antônio Gaspar, o coordenador da bancada do PMDB maranhense, terra de Sarney e do governador Epitácio Cafeteira, ex-inimigo e hoje empedernido aliado palaciano, compareceu à reunião do Hotel Saint Paul em que a guinada parlamentarista ficou clara.

Não foi o único, entre os representantes de Estados governados por defensores incondicionais do Planalto. O filho do governador Alberto Silva (PI), Paulo Silva, e o coordenador da bancada do Rio Grande do Norte, Antônio Câmara, disseram aceitar a fórmula parlamentarismo com cinco anos. O Rio Grande do Norte é governado por Geraldo Mello, afilhado político de Aluizio Alves, ministro da Administração e amigo pessoal de Sarney desde os tempos em que os dois militavam na extinta União Democrática Nacional.

Também a Paraíba e Santa Catarina enviaram representantes à reunião e não opuseram restrições a um eventual acordo. (Clóvis Rossi)